



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'A Estátua e a Pedra', de José Saramago]

Rogério Miguel Puga

Para citar este documento / To cite this document:

Rogério Miguel Puga, "[Recensão crítica a 'A Estátua e a Pedra', de José Saramago]", *Colóquio/Letras*, n.º 186, Maio 2014, p. 261-263.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

na Biblioteca Pública Municipal do Porto. Redige os derradeiros textos e, pacificado (veja-se a última fotografia, na capa), espera 20 meses pelo adeus na Casa de Boamense. Nesta sexta parte, haveria lugar às convulsões políticas do tempo, ou, no mínimo, à ação do antigo adversário político João Franco, do qual, agora (e não propriamente do cisionista Partido Regenerador-Liberal), Sampaio e tantos intelectuais esperavam uma ditadura iluminada. O constante amigo Luís de Magalhães é ministro dos Estrangeiros no primeiro governo franquista (1906). Espanta-nos, por isso, não terem percebido o galopante culto da personalidade em quem seria cozeiro da Monarquia...

Cronologia e Bibliografia encerram este monumento de generosidade e bom gosto.

Ernesto Rodrigues

VÁRIA

José Saramago

A ESTÁTUA E A PEDRA

O AUTOR EXPLICA-SE

Lisboa, Fundação José Saramago / 2013

A narrativa autoexplicativa de José Saramago *A Estátua e a Pedra*, reeditada pela Fundação José Saramago, em português (p. 9-59) e em espanhol (p. 61-111), foi originalmente publicada em Itália no ano de 1999, e é agora acompanhada pelos prefácios de Giancarlo Deprezis e de Luciana Stegagno Picchio (p. 9-16), que contextualizam a apresentação e a publicação da «lição», e pelo posfácio de Fernando Gómez Aguilera em torno do ciclo final da obra de Saramago (p. 45-59), paratexto que complementa as autorreflexões que o escritor apresentara na Universidade de Turim, em maio de 1998. *A Estátua e a Pedra* assume-se como uma narrativa de

cariz teórico e autobiográfico e aborda alguns dos principais temas literários (e autobiográficos) saramaguianos, por exemplo, as memórias que o autor guarda dos avós, recordações que terminam o texto (p. 41-3) e que seriam por ele recuperadas meses mais tarde, em Estocolmo. No final da narrativa, o leitor-ouvinte descobre que a filosofia de vida desses avós — personagens assim imortalizadas — ilustra a metáfora que dá título à obra: «Este velho pastor, rude, analfabeto, tinha dentro de si um tesouro de sensibilidade [...]. O meu avô não separava a vida da vida, parecia habitar na superfície das coisas mas, no final, demonstrou que o seu mundo estava dentro delas» (p. 42). Sabido é que as árvores «se transformam» em polpa de celulose e posteriormente em romances «de papel», e cada geração familiar ecoa a anterior, com a qual aprende. Para Saramago, escrever é viajar rumo ao interior da pedra, ou seja, ao «interior» do avô Jerónimo e, metonimicamente, à essência humana.

Saramago revisita os seus mundos (im)possíveis ficcionais através do tema da associação de ideias que dá lugar a livros — saciando assim a curiosidade do leitor interessado (implícito na obra do autor) —, e do próprio poder da metáfora. O processo de criação literária de alguns dos seus romances é apresentado, em primeira mão, como uma «visão» ou imaginação instantânea (p. 32-3) de enredos nos mais variados momentos do quotidiano. Ao explicar-se, o romancista leva o recetor do seu texto a refletir sobre a função, o poder e a beleza da metáfora enquanto estratégia conceptual, remetendo para as capacidades desse poderoso artifício retórico e literário ao nível do ato discursivo, da emoção e da arte. Através do metonímico par «estátua-pedra», Saramago mapeia a sua produção literária e explica-se através desses dois denominadores comuns,

enquanto explora — metaforicamente e a partir da sua ficção — o poder cognitivo e ideológico (e, logo, didático), bem como as implicações simbólicas da própria metáfora enquanto ferramenta literária, social e política. O autor ocupa-se ainda de questões teóricas há muito debatidas ao definir romance histórico (p. 25) e ao caracterizar a literatura como «inefável» (p. 17-8) e a si mesmo e à sua criação literária através dos escritos de Fernando Pessoa e de Eça de Queirós, criadores (canónicos) daquilo a que poderíamos chamar «ADN cultural português», ou seja, os enredos, expressões, personagens e heterónimos que, tal como Blimunda e Baltasar, passam, cumulativamente, a fazer parte da nossa memória coletiva. Aliás, o par metafórico que dá título à reflexão saramaguiana remete simultaneamente para o diálogo interartes e para a natureza ecrástica de alguns universos literários do autor, por exemplo, as metáforas visuais e artísticas de *Manual de Pintura e Caligrafia*.

Saramago aborda a literatura como fenómeno social e construção ou *poiesis* histórico-antropológica, e as metáforas autorreflexivas da escultura e da pedra caracterizam o processo de criação e os temas literários das duas fases da sua carreira até 1998, nomeadamente os romances-ensaios alegóricos que ficcionalizam mundos (duros como pedra) que são fruto do seu «desengano barroco», uma atitude referida nos prefácios de Depretis e de Picchio (p. 11, 13). A alegoria continua a caracterizar, embora de forma mais acentuada, a segunda fase da criação artística de Saramago e permite a representação analítica de universos desumanizados (potencialmente distópicos), enfatizando o seu fascínio pela «pedra humana», ou seja, pela (natureza e) condição humana na contemporaneidade, por vezes questionada à luz do passado. Como o romancista aprendeu através do avô, a literatura,

tal como a vida, é também uma questão de ideologia, uma forma de observar o mundo, umas vezes superficial, através das formas da escultura, outras do interior da pedra, detendo-se o observador na natureza-condição humana para expor o mundo de forma alegórica (e, logo, didática) através da indagação filosófico-antropológica que caracteriza a obra de Saramago, inclusive na fase da escultura. Não é, portanto, de estranhar que o «autor que se explica» comece por confessar: «cada vez me interessa menos falar sobre literatura» (p. 17), afirmação provocatória que propositadamente só é elaborada na página 36: a literatura é apenas uma parte da vida, e após a publicação de *O Evangelho* o autor ocupa-se sobretudo, e de forma mais consciente, da «literatura vida» (p. 19). Esse romance funciona como fronteira entre duas formas distintas de escrever ou de esculpir-indagar pedra, pois, como o autor confessa, a sua «perspetiva» (p. 33) muda e ele deixa de (d)escrever apenas a superfície da pedra, ou seja, a estátua, para se deter no seu interior, processo que se acentua a partir de *Ensaio sobre a Cegueira*. Torna-se, então, fácil de entender o «escultor» que discorda daqueles que o caracterizam (sobretudo) como romancista histórico. Como é sabido, Saramago revolucionou o romance histórico em Portugal através de *Memorial do Convento*, como ele próprio parece sugerir de forma autoconsciente (p. 25). Curiosamente, esse romance representa a viagem épica da pedra de Pero Pinheiro até ao convento de Mafra, fruto do trabalho de homens que o narrador retira ficcionalmente do anonimato, enquanto descreve outros blocos de pedra já transformados em esculturas que adornam o edifício religioso e funcionam como alegorias do poder da Igreja. A obra saramaguiana denuncia, portanto, a exploração-manipulação da «pedra» humana por

hábeis escultores, muitas vezes através do espetáculo da própria pedra.

Ao explicar-se, o romancista autocritica-se (p. 31-2), fornece pistas de leitura e aborda técnicas narrativas, a receção da sua obra e temas saramaguianos como: a mulher, a ruralidade, o leitor coautor, a intertextualidade, as «personagens» pessoas, a alteridade, o diálogo interartes, a pós-modernidade, a crítica social, política e religiosa e a reconfiguração pós-moderna e ideológica da história através da ficção, ecoando Eça ao sugerir que a história e a historiografia são «provavelmente uma grande fantasia» (p. 30). Saramago explica ainda o que entende por «ausência de estratégias literárias no [s]eu trabalho» (p. 35-6), ou seja, o facto de não programar a evolução das personagens com muita antecedência, indo compreendendo esses projetos à medida que os desenvolve; aliás, como o próprio sugere na página 37, as suas fantasias são filosofias de vida. A lição de Turim ocupa-se assim da literatura enquanto produto (est)ético e ideológico que universaliza e (de)forma o leitor, pelo que, para o escritor, «pretender penetrar o interior da pedra» é explorar a natureza-consciência-memória humana e considerar o ser humano como «prioridade absoluta [e] matéria do [s]eu trabalho, a [sua] quotidiana obsessão, a íntima preocupação do cidadão que [é] e que escreve» (p. 36-7). *A Estátua e a Pedra* define a metáfora como forma de refletir-questionar, sugerindo que cabe ao ser humano — esse grande tema saramaguiano —, enquanto leitor, fugir do sentido literal das coisas e esculpir (as suas próprias) metáforas. Saramago explica a sua obra e, como não poderia deixar de ser, fala mais sobre a natureza/condição humana do que sobre literatura (através da literatura).

Rogério Miguel Puga

ENSAIO

Carlos F. Clamote Carreto
**O MERCADOR DE PALAVRAS
OU A RESCRITA DO MUNDO**
LITERATURA E PENSAMENTO
ECONÓMICO NA IDADE MÉDIA
Lisboa, Chiado Editora / 2012

O Mercador de Palavras ou A Rescrita do Mundo é uma versão abreviada e atualizada da tese de doutoramento de Carlos F. Clamote Carreto, cuja temática, aparentemente estreita e de certa forma marginal no campo dos estudos literários medievais, o leva, afinal, a problematizar a relação entre a literatura e o real sem cair na «ilusão referencial», como avisa na introdução: «Por mais fácil e tentadora que seja a possibilidade de ceder à ilusão referencial [...], sabemos que a realidade não passa de um ponto de fuga da linguagem [...] e que é apenas na confluência dos múltiplos discursos (ficcional, teológico, jurídico, etc.) [...] com o Real (ou aquilo que estes discursos nos dizem sobre ele) e o Imaginário que podemos eventualmente vislumbrar o sentido para um texto» (p. 25).

Na verdade, o período (séculos XII-XIII) e o *corpus* (narrativa em verso e canção de gesta) escolhidos conduzem o leitor ao epicentro de um universo em transformação — uma autêntica mudança de paradigma que afeta profundamente as relações entre indivíduos e o equilíbrio social, condicionando não apenas a visão do mundo veiculada pela literatura, mas também o tipo de processo semiótico que desencadeia: «Estas transformações, representadas [...] pela circulação monetária [...], traduzem um processo epistemológico e cultural mais amplo que consiste na progressiva passagem de uma economia oblativa (que se manifesta no ideal de largueza, nomeadamente), subor-